

O Nome da Cafetina é Miséria



Libelo em cinco partes sobre a fome, a dignidade e a fabricação do inferno
(Inclusos oportunamente, mesmo com desagrado dos puristas, extratos de nossas **Memórias do Luar Candente**)

Amado Gabriel da Silva / IA

O Nome da Cafetina é Miséria

NOTAS PRELIMINARES

1. Os Capítulos, na medida do possível, deveriam conter:

- a) Aforismos
- b) Texto poético sobre a Miséria
- c) Memórias de nosso convívio íntimo com a Miséria

2. A miséria referida neste livreto não é a mesma que dizem e predizem os índices e algoritmos, nem a decantada nas igrejas para tornar os pedidos de dízimo convincentes.

A miséria aqui foi a que se aproximou de nós. A que convivemos. A que respiramos. A que ouvimos pedir licença — e entrou sem pedir.

Estamos apresentando-a para quem a conhece só de ouvir falar.

3. As personagens e lugares fictícios foram tratados com seus nomes verdadeiros, enquanto as pessoas e lugares reais foram designados por seus nomes imaginários. Os casos foram colhidos de nossa realidade. .

- §§§ -

AFORISMOS

A miséria não pede licença. Ela aluga quartos no corpo dos homens e instala camas de ferro nos ossos das mulheres.

Não aparece nas estatísticas como pecado; surge como número, como gráfico, como rodapé técnico. Mas a miséria não é número: é a cafetina do mundo.

Ela veste gravata nos bancos, veste jaleco nas filas de hospital, veste terno nas bolsas de valores. E quando sorri, alguém emagrece.

O IBGE conta domicílios. A miséria conta costelas.

Sumário

- **PARTE I — O Nome da Cafetina é Miséria**
- **Capítulo I — A Cafetina**
- **Capítulo II — Reexposição**
- **Capítulo III — O Homem que Virou Número**
- **Capítulo IV — Conclusão: O País que se Acostumou**

- **PARTE II — A Miséria Ensina Mais Rápido**
- **Abertura — O Professor Invisível**
- **Caso I — Inveja e Castigo**
- **Caso II — Adentrando a Intimidade de uma Tapera**
- **Caso III — Banhos Inesquecíveis**
- **Coda — O Nome do Cliente**

- **PARTE III — Miséria Pouca é Bobagem**
- **Peleja I — A Miséria Compartilhada**
- **Peleja II — Nossa Grande Obra**

- **PARTE IV — Miséria & Impudência**
- **Encrenca — O Respeito à Prostituição — Confissões de um Gostoso**

- **PARTE V — Psiquismo**
- **Psico I — Manual Prático de Convivência com Pessoas em Sofrimento Psíquico (como a Esquizofrenia)**
- **Psico II — Os Últimos dos Miseráveis**

- **EPÍLOGO - A Recusa**

PARTE I

O Nome da Cafetina é Miséria

AFORISMOS

A miséria não é um acidente.

A miséria é um projeto.

Ela não cai do céu como chuva.

Ela é construída como estrada: com orçamento, cronograma, empreiteiro e silêncio.

E quando termina, ninguém inaugura.

Porque miséria não tem fita pra cortar.

Miséria tem corda

capítulo I

A Cafetina

Morei numa cidade parauara que não impressionava pelos arranha-céus.

Impressionava — **indigne-se, se ainda for capaz** — pela pobreza.

Trabalhei como engenheiro em dezenas de cidades. No Paraná foram três. No litoral, outro tanto. No interiorzão, umas dez. Em uma delas, no meio da Floresta Amazônica, perto de aldeia indígena, eu descobri que a mata é infinita, mas a miséria consegue ser maior.

O lugar nem nome tinha.

Era chamado pela quilometragem da rodovia.

Talvez 12. Talvez 40. Talvez 110.

— Hoje vai ter baile no 12 — dizíamos, animados.

O homem é capaz de festejar até a própria sentença.

A miséria ali não era pobreza de estatística.

Era pobreza de cheiro.

Cheiro de suor velho.

Cheiro de gordura vencida.

Cheiro de criança com febre.

Cheiro de banheiro improvisado.

No botequim, o banheiro era um monumento à criatividade desesperada: atrás da porta, o dono empilhava cascos de cerveja vazios.

Ali se urinava.

O recipiente era o mictório.

O mictório era o depósito.

O depósito era a cidade.

E a cidade era o Brasil reduzido ao essencial:

gente reaproveitando até a urina, enquanto outros reaproveitam até a alma.

No baile tocava-se o único disco que o proprietário possuía.

Um só.

E ele girava como gira o destino dos pobres: sempre no mesmo sulco.

Das oito da noite às seis da manhã.

A mesma música.

O mesmo refrão.

O mesmo mundo.

Até hoje, quando ouço Morena Tropicana, sinto calafrios.

Não por nostalgia.

Mas porque aquela canção virou um carimbo: a alegria também pode ser tortura.

O pobre é espancado de muitas formas.

Uma delas é a repetição.

A repetição de fome.
A repetição de promessas.
A repetição de humilhações.
E a repetição do mesmo disco.
Ali existia uma ética própria.

Uma moral sem Bíblia, mas com barriga vazia.

Se alguém encontrasse a carteira perdida de um milionário distraído, não havia o compromisso sagrado de devolvê-la, como reza o catecismo capitalista.

A regra era outra:

usar o que a sorte derrubou para comprar leite, remédio, farinha, pão.

Porque naquele lugar a honestidade era luxo de quem janta.

Ali ninguém roubava por ambição.
Roubava por necessidade.

E a necessidade é a única desculpa que não precisa de advogado.

Os homens não trabalhavam.

Mas também não estavam desempregados.

A palavra “desempregado” exige alguma formalidade.

Exige carteira assinada em algum momento.

Exige lembrança de um mundo onde a vida tinha degrau.

Eles diziam apenas:

— Estou parado.

Parado é o nome educado da morte lenta.

Parado é o estado civil do esquecido.

Um colega nosso sugeriu colocar na beira da estrada uma placa:

A 500m — Manoel Siffler

Ele garantiu que pegaria.

Que o lugar, ao menos, teria um nome. **Manoel Siffler**

Não imaginava que anos depois surgiria uma fila de candidatos jurando que Manoel Siffler era apelido de infância, herança de família, tradição regional.

O Brasil é um país onde até o nome inventado vira verdade — se der voto.

E voto, naquele lugar, era mais barato que um saco de arroz.

Eu escrevia cartas ao meu pai quando chegava nessas cidades.

Descrevia o que via.

Era meu jeito de registrar o mundo, como quem guarda provas para um julgamento que nunca virá.

E naquela cidade eu me surpreendi comigo mesmo.

Não amenizei.

Não escrevi “as mulheres se prostituem devido à pobreza”, como se eu fosse um professor universitário explicando a tragédia com palavras limpas.

Eu não disse “há casos de prostituição”.

Eu escrevi:

Todas as mulheres aqui são prostitutas.

E era verdade.

Ou era quase verdade.

Ou era verdade suficiente para doer.

Porque ali não havia “prostituição” como escolha.

Havia prostituição como economia.

Havia prostituição como salário mínimo do desespero.

Havia prostituição como imposto cobrado pela fome.

Ali a miséria não pedia licença.

Ela entrava na casa, sentava na cama e dizia:

— Hoje você paga.

E pagava-se com o corpo.

Pagava-se com o que sobrava de pudor.

Pagava-se com o que sobrava de esperança.

Pagava-se até com o que não sobrava.

O corpo feminino, naquele lugar, era moeda.

E o corpo infantil já começava a ser troco.

A miséria é assim:

ela não tem pudor.

ela não tem idade mínima.

Ela tem preço.

Quem olha de fora diz:

“que horror”.

Mas o horror tem contabilidade.

O horror tem patrocinador.

O horror tem cadeia produtiva.

A miséria não trabalha sozinha.

A miséria tem sócios.

Tem acionistas.

Tem gerente.

Tem gerente de banco.

Tem gerente de fazenda.

Tem gerente de supermercado.

Tem gerente de moral.

E tem os sacerdotes do sistema:

os que dizem que o pobre é pobre porque quer.

Hoje existem muitas maneiras de mascarar a pobreza extrema.

As melhores são sempre as mesmas:

culpar o pobre.

Dizem que é preguiça.
Dizem que é ignorância.
Dizem que é falta de mérito.
Dizem que é falta de disciplina.
Dizem que é falta de Deus.

Falam isso com a boca cheia.

Cheia de carne.
Cheia de teoria.
Cheia de conselhos.

O rico aconselha o pobre como quem aconselha um afogado:

— Aprenda a nadar.
E o pobre afunda.
E o rico chama isso de seleção natural.

A miséria tem um talento especial:
ela transforma o criminoso em vítima e a vítima em criminosa.

Quando a mulher se prostitui para comprar leite, dizem que é vagabunda.
Quando o milionário explora um país inteiro, dizem que é empreendedor.
Quando o pobre rouba um pão, é ladrão.
Quando o Estado rouba décadas de futuro, chama-se “ajuste fiscal”.
Quando uma criança morre de diarreia, dizem “fatalidade”.
Quando um banco lucra bilhões, dizem “competência”.

A miséria é a cafetina do mundo.

Ela vende corpos.

Mas vende também o silêncio.

E vende barato.

A miséria começa antes da fome.

Ela começa quando o ser humano deixa de ser chamado pelo nome.

A cidade não tinha nome.

Era quilometragem.

Era número.

Era ponto perdido no mapa.

Era um lugar onde ninguém nasce: apenas aparece.

Lugar sem nome não existe.
E o que não existe não revolta.
E o que não revolta continua.

A miséria é isso:
um apagamento.

Apaga o nome do lugar.

Apaga a história do povo.

Apaga o futuro das crianças.

Apaga até a vergonha dos que mandam.

E quando alguém ousa se indignar, vem a frase pronta:

— “Sempre foi assim.”

A frase “sempre foi assim” é o hino nacional dos canalhas.

Mas não: nem sempre foi assim.

Foi feito assim.

Foi planejado assim.

Foi votado assim.

Foi aceito assim.

Foi permitido assim.

A miséria não é uma doença do nacional.

É setor da economia.

Produce mão de obra barata,

Medo, servidão e voto.

E sustenta o espetáculo grotesco:

a fome ajoelhada enquanto a riqueza aplaude.

O inferno não é um lugar.

O inferno é um negócio.

E há quem lucre muito com ele.

Indigne-se, se ainda for capaz.

capítulo II

Reexposição

A miséria não começa na fome.

A miséria começa quando alguém decide que você não merece existir inteiro.

O pobre não perde apenas dinheiro.

O pobre perde o nome.

O pobre perde o endereço.

O pobre perde o tempo.

O pobre perde o direito de ser lembrado.

Ele vira um caso.

Depois vira um dado.

Depois vira um número.

E por fim vira nada.

A cidade sem nome não é um detalhe.

É um método.

O lugar chamado “Km 12” é a certidão de óbito da cidadania.

Não se chama um povoado por quilometragem.

Chama-se um rebanho.

O Km 12 não é um lugar.

É um intervalo.

É um buraco no mapa.

E buraco não tem prefeito.

Buraco tem dono.

O pobre é o único ser humano que precisa justificar o próprio prato.

Quando o rico come, é cultura.

Quando o pobre come, é abuso.

Quando o rico recebe herança, é tradição.

Quando o pobre recebe esmola, é favor.

Quando o rico pede subsídio, é incentivo.

Quando o pobre pede pão, é vagabundagem.

O pobre não tem direitos.

O pobre tem permissão.

Permissão para existir.

Permissão para trabalhar.
Permissão para morar.
Permissão para respirar.
E a permissão pode ser cancelada a qualquer momento.
O pobre vive sob ameaça permanente.
Não é ameaça de arma.
É ameaça de abandono.
E abandono é uma forma moderna de fuzilamento.
O pobre não é pobre apenas por falta de dinheiro.
Ele é pobre porque é tratado como resto.
Resto de cidade.
Resto de orçamento.
Resto de humanidade.
E o resto, no Brasil, não se recicla.
O resto se descarta.
O rico tem nome completo.
O pobre tem apelido.
O rico tem sobrenome.
O pobre tem alcunha.
O rico tem currículo.
O pobre tem ficha.
O rico tem história.
O pobre tem ocorrência.
O rico morre e vira luto.
O pobre morre e vira “estatística”.
O Brasil é um país onde o pobre é culpado até pelo próprio sofrimento.
Se é assaltado, foi porque estava na rua errada.
Se apanha da polícia, foi porque “devia alguma coisa”.
Se morre de fome, foi porque “não correu atrás”.
O pobre precisa provar que é inocente para merecer um pedaço de pão.
E mesmo assim, ninguém acredita.
A miséria também é isso:
um tribunal invisível.
E nele o pobre nasce condenado.
A miséria cria um tipo de ser humano que não é cidadão.

É sobrevivente.
O sobrevivente não sonha.
O sobrevivente calcula.
Calcula o gás.
Calcula o arroz.
Calcula a farinha.
Calcula o ônibus.
Calcula o remédio.
O sobrevivente não planeja futuro.
Planeja o amanhã.
E às vezes nem o amanhã dá.
O sobrevivente é um engenheiro da própria ruína.
A miséria também rouba a linguagem.
Ela tira do pobre as palavras grandes.
A palavra “projeto” vira piada.
A palavra “carreira” vira ofensa.
A palavra “universidade” vira miragem.
A palavra “dignidade” vira luxo.
A palavra “férias” vira insulto.
E quando o pobre não tem palavras, ele não consegue nem reclamar.
Ele só aguenta.
E aguentar é a forma mais triste de heroísmo.
O homem do “estou parado” não está parado.
Ele está interditado.
Ele está suspenso da vida.
Ele é um ser humano em estado de espera.
E esperar, quando não há esperança, é tortura.
O mundo chama isso de pobreza.
Mas pobreza é só o nome educado do crime.
Porque quando uma sociedade produz um lugar onde todas as mulheres se vendem para sobreviver, não é a mulher que perdeu a moral.
É a sociedade que perdeu a alma.
E quando uma criança nasce já devendo ao mundo, não é destino.
É roubo.
O nome disso é roubo.

Roubo do futuro.
Roubo do corpo.
Roubo do nome.
Roubo do direito de existir.
A miséria não é apenas fome.
A miséria é uma máquina de transformar gente em coisa.
E coisa não vota com consciência.
Coisa não protesta.
Coisa não exige.
Coisa agradece.
A miséria ama o agradecimento.
O agradecimento é a algema mais perfeita.
E assim o país segue.
Um país onde o pobre é número.
E o número não incomoda.
O número não grita.
O número não sangra na calçada.
Mas o pobre tem olhos.
E é por isso que a miséria precisa cegá-lo.
Quando a indignação morre, o homem vira número.
E quando o homem vira número, a miséria governa.

A cafetina então deixa de ser metáfora.
Vira Estado.

capítulo III

O Homem que Virou Número

A prostituição generalizada não era apenas prostituição.

Era uma economia inteira confessando sua falência moral.

Era a pátria dizendo, com todas as letras, aquilo que finge não dizer:

“Seu corpo vale mais do que sua vida.”

O homem parado não era apenas homem parado.

Era um cidadão cassado.

Era um trabalhador amputado do trabalho.

Era um ser humano suspenso, esperando que o mundo se lembre de que ele existe.

Mas o mundo não se lembra.

Porque o mundo não lembra do que despreza.

A miséria tem sócios.

E os sócios da miséria têm nome.

Eles não são monstros.

Monstros seriam mais simples.

Eles são homens comuns.

Homens de terno.

Homens de gravata.

Homens de discurso.

Homens de fé.

Homens de planilha.

Eles não fazem a miséria com ódio.

Fazem com frieza.

Fazem com método.

Fazem com eficiência.

E quando alguém aponta o dedo, eles dizem:

— “Exagero.”

— “Populismo.”

— “Narrativa.”

— “Vitimismo.”

Palavras bem passadas a ferro.

Palavras que servem para esconder cadáveres.

A miséria não mata de uma vez.

Ela mata aos poucos.

Mata por falta de leite.

Mata por falta de remédio.

Mata por falta de estrada.

Mata por falta de nome.

Mata pela repetição.

E o mais terrível:

ela mata também quem não passa fome.

Porque quem se acostuma com a miséria perde a capacidade de sentir.

E quem perde a capacidade de sentir perde a alma.

Indigne-se, se ainda for capaz.

Porque quando a indignação morre, o homem vira número.

E quando o homem vira número, o país vira cemitério.

- §§§ -

O HOMEM DIMINUÍDO

O homem que aceita a miséria como destino já foi derrotado antes da batalha.

Ele trabalha mais do que deveria, ganha menos do que precisa, agradece pelo que o explora.

A miséria não o mata de imediato. Ela o reduz. Reduz ambição, reduz voz, reduz tamanho.

Até que reste apenas obediência.

Então é elogiado como bem-mandado.

capítulo IV

Conclusão: O País que se Acostumou

A miséria não precisa vencer.

Basta que ela dure.

Ela não precisa dominar pela força.

Basta que seja aceita como paisagem.

A miséria é o único monstro que se alimenta de costume.

O costume é o colchão onde a consciência dorme.

E quando a consciência dorme, a miséria governa.

O Brasil é um país que aprendeu a conviver com a fome como se convive com o calor.

Como se fosse fenômeno natural.

Mas a fome não é clima.

A fome é escolha.

A fome é política.

A fome é lucro.

O país chama a miséria de “problema social”.

Mas não é problema.

É solução.

Solução para manter salário baixo.

Solução para manter o medo alto.

Solução para manter o povo ocupado demais sobrevivendo e cansado demais para pensar.

A miséria é uma forma de administração.

E a miséria é também uma forma de polícia.

Ela vigia.

Ela disciplina.

Ela pune.

Ela ensina ao pobre o lugar dele no mundo:

o chão.

A cidade sem nome não era apenas cidade sem nome.

Era um aviso.

Era uma placa invisível dizendo:

Aqui ninguém importa.

Por isso este texto não pede piedade.

Piedade é esmola.

Este texto pede vergonha.

Vergonha de viver num país onde o inferno é rotina.

Vergonha de viver num país onde o inferno dá lucro.

E pede indignação.

Indignação verdadeira.

Indignação que não termina em frase bonita.

Indignação que não termina em postagem.

Indignação que não termina em lágrima.

Indignação que incomoda.

Indignação que tira o conforto do lugar.

Indigne-se, se ainda for capaz.

Porque a miséria não é apenas a cafetina dos pobres.

Ela é a cafetina do país inteiro.

E quando um país se prostitui, ninguém sai limpo.

PARTE II

A Miséria Ensina Rápido

“Descobri, tarde demais, que eu estava repetindo Marx tendo lido muito pouco de Marx, e Paulo Freire sem ter sido alfabetizado por ele. Porque a miséria ensina mais rápido que qualquer universidade.”

“Enquanto existir nas leis e nos costumes uma organização social que cria infernos artificiais no seio da civilização, juntando ao destino, divino por natureza, um fatalismo que provém dos homens; enquanto não forem resolvidos os três problemas fundamentais — a degradação do homem pela pobreza, o aviltamento da mulher pela fome, a atrofia da criança pelas trevas; enquanto, em certas classes, continuar a asfixia social ou, por outras palavras e sob um ponto de vista mais claro, enquanto houver no mundo ignorância e miséria, não serão de todo inúteis os livros desta natureza.” Hauteville House, 1862

- Victor Hugo (1802–1885)

AFORISMOS

Há crianças que aprendem o alfabeto da noite antes do da escola.

A miséria ensina cedo: ensina que luz custa dinheiro, que esperança é artigo de luxo, que sonho tem prazo de validade.

A infância, quando faminta, envelhece em silêncio. E a sociedade chama isso de “desigualdade estrutural”. Nome elegante para amputação de futuro.

Abertura

O Professor Invisível

A miséria não escreve livros.

Mas dita.

Ela não tem diploma.

Mas dá aula.

Ela não tem universidade.

Mas forma.

A miséria é professora severa, e não ensina com palavras.

Ensina com ausência.

Com falta.

Com fila.

Com doença.

Com vergonha.

Com fome.

A miséria é uma escola sem quadro-negro, sem giz e sem recreio.

E nela ninguém repete de ano.

Porque quem não aprende, morre.

Eu pensei que estava fazendo caridade.

Eu pensei que estava ajudando.

Eu pensei que estava entendendo.

Eu não estava.

Eu estava apenas visitando o inferno com a segurança de quem pode ir embora.

A miséria me corrigiu.

Me corrigiu com cartas anônimas, com armários cheios de comida intocada, com um lençol branco em casa de barro.

Me corrigiu com água.

Com a falta dela.

Me corrigiu com a dignidade que resiste mesmo quando o mundo faz questão de esmagá-la.

Eu descobri tarde.

Descobri tarde demais, como se descobre a morte.

E foi então que percebi:

Eu repetia Marx tendo lido pouco Marx.

E repetia Paulo Freire sem ter sido alfabetizado por ele.

Porque a miséria ensina mais rápido que qualquer universidade.

E a lição dela é simples:

O inferno não é metáfora.

O inferno é endereço.

Caso I

Inveja e Castigo

(A Caridade Também Mata)

A consciência ainda dói.

E dói mais porque eu já tive certeza.

Em 1 Coríntios 13:4, Paulo escreveu aquilo que sempre me pareceu o verso mais poético da Bíblia:

“A caridade não é invejosa.”

Errei feio.

Eu tinha uma tia religiosa e caridosa. Um dia ela descobriu, do outro lado do rio, uma senhora leprosa, morando com a filha — também doente — numa casinha miserável, frágil como suspiro.

A comunidade evitava as duas como se a doença fosse pecado.

Mas elas sobreviviam.

Minha tia passou meses enviando uma pequena caixa de mantimentos. Nada luxuoso. Coisas baratas. O feijão mais barato, o arroz mais barato, o óleo mais barato.

E aquilo era tudo.

Aquilo era vida.

Eu vi e me encantei.

E como todo encantamento de principiante, virei imitador.

Saí procurando minhas próprias “leprosas”. Eu queria ser bom. Eu queria ser justo. Eu queria, secretamente, ser admirado pelo céu.

E fui castigado.

A) Depois da segunda entrega de cesta básica a um casal que eu julgava digno, a mulher apareceu na minha casa. Agradeceu e pediu que eu parasse.

Disse que o marido, agora livre do compromisso de comprar comida, voltara a beber.

A caridade virou álibi.

Meu gesto bonito virou combustível de tragédia doméstica.

Não alimentei uma família.

Financiei uma ruína.

B) Na segunda tentativa, fui para uma cidade pequena, onde tudo é pequeno, exceto a maldade.

Escolhi uma casa onde morava um velho cego.

Comecei a receber cartas anônimas, uma chuva de papel sujo. Diziam que o cego era rico, cornudo, que as netas eram biscateiras, que a mulher era preguiçosa, e que os verdadeiros merecedores eram os vizinhos da frente.

A fome não é só fome.

A fome também é competição.

Interrompi as doações. Não por justiça, mas por medo.

C) Na terceira tentativa, escolhi uma família de pedintes: mãe e quatro filhos com deficiência mental.

Na quarta visita, vi o armário: as cestas anteriores estavam intactas.

Os filhos me chamavam de Papai Noel.

Mas não precisavam do meu feijão.

Soube depois que a prefeitura já fornecia o sustento.

Eu não era salvador nenhum.

Eu era apenas mais um homem tentando aliviar sua própria culpa com um pacote de arroz.

Parei definitivamente.

Passei a ler a versão da Bíblia que diz:

“O amor não é invejoso.”

E ainda hoje não sei o que Paulo quis dizer com essa troca.

Talvez quisesse dizer que a caridade pode ser invejosa sim.

Invejosa do pobre.

Invejosa do sofrimento alheio.

Invejosa daquela desgraça que dá sentido à vida de quem distribui esmola.

Caso II

Adentrando a Intimidade de uma Tapera

(A Pobreza Não Tem Vergonha. O Mundo é Que Tem.)

Foi numa estrada do sertão piauiense, longe da capital, onde o sol não nasce: ele ataca.

A corrente da moto se soltou justamente em frente a uma casa de pau a pique, beira de estrada.

Eu estava cansado. A hora já era tarde. Consertei o estrago ali mesmo.

Pensei em dormir e partir cedo. Mas minhas soluções de motoqueiro não serviam.

A rede de crochê não podia ser armada: não havia árvores.

O colchonete inflável seria uma sentença: o chão era poeira e espinho.

Restava a solução miserável: dormir sobre a moto.

Foi então que a porta se abriu.

E saiu uma garota.

Olhou para mim e decretou:

— Aqui você não dorme fora.

Não foi convite.

Foi ordem.

Entrei.

O chão era de terra batida, mas varrido como sala de palácio.

As coisas eram poucas e estavam no lugar exato.

Panelas de alumínio, areadas até brilharem como prata pobre.

Poucos móveis, mas encerados com carinho.

Tudo simples.

Tudo limpo.

Tudo organizado.

Como se aquela casa dissesse:

“Aqui mora gente.”

No quarto havia um caixote branco de transportar maçã com vidrinhos vazios de esmalte, alinhados como vasos.

Aquilo era uma penteadeira.

Lençóis alvos na cama, passados com ferro de carvão.

Lençóis brancos numa casa de barro: uma afronta à miséria.

Dormimos.

E eu entendi o que é dignidade.

O banheiro ficava fora, coberto com folhas de coqueiro. Paredes de palha até a altura do pescoço. No centro, o buraco da fossa.

Ao se agachar, via-se tudo ao redor.

E o rosto ficava exposto.

A miséria não tem porta.

Ela tem vergonha pública.

Na despedida, ofereci uma nota grande.

Ela não aceitou.

Insisti.

Ela recusou de novo.

E eu entendi: o dinheiro que eu oferecia era insulto.

Ela não tinha me dado hospedagem.

Ela tinha me dado uma aula.

E aula não se paga.

Aula se carrega.

Caso III

Banhos Inesquecíveis

(Manual de Luxo Para Quem Vive Sem Água)

A obra estava sendo implantada numa região onde a água não falta.

Ela desaparece.

A água ali não é recurso.

É boato.

É aparição.

É milagre breve.

Como executar a obra é problema seu.

Aqui explico outra coisa: como tomar um banho farto onde a higiene é privilégio e o sabão é heresia.

Primeiro: mantenha em lugar seguro cinco garrafas PET.

Cinco.

As garrafas são cofres.

São a poupança líquida do pobre.

Quando a água aparecer, encha as garrafas imediatamente.

Tampe.

Guarde.

E não empreste.

Depois vem o cerimonial.

Destampe a primeira garrafa e molhe o corpo.

Molhe sem pena.

Molhe como se fosse rico.

Ensaboe-se.

Ensaboe-se muito.

Afogue-se em espuma.

A segunda garrafa é para lavar a cabeça.

A terceira é para os braços e pernas.

A quarta é para as regiões íntimas e para a espuma teimosa.

E então vem a quinta garrafa.

A mais importante.

A garrafa do desperdício.

Sim: desperdício.

Porque um homem sem desperdício vira máquina.

E um homem que vira máquina já perdeu a alma.

A quinta garrafa é para esbanjar.

Molhe o rosto de novo.

Molhe a nuca.

Molhe o peito.

Não faça conta.

Sinta-se marajá.

Relaxe.

E tenha um bom banho.

Você merece.

Mesmo que o mundo diga que não.

- §§§ -

Os Administradores do Nada

Há técnicos que estudam a pobreza como quem observa insetos sob microscópio. Publicam relatórios, fazem seminários, discutem indicadores. Enquanto isso, a miséria continua funcionando como empresa eficiente.

Ela terceiriza a culpa e internaliza o lucro.

Ninguém é responsável — logo, todos são cúmplices.

Coda

O Nome do Cliente

A miséria é cafetina.

Mas faltou dizer o principal:

toda cafetina tem cliente.

A miséria não vive sozinha.

Ela precisa de quem pague.

Ela precisa de quem use.

Ela precisa de quem explore.

A miséria não é acidente.

Ela é projeto.

Ela é obra.

Ela é engenharia social feita sem ART e sem vergonha.

O pobre não nasce pobre.

Ele é fabricado.

Fabricado em série.

Com material barato.

Com educação quebrada.

Com saúde parcelada.

Com salário mínimo e humilhação máxima.

A miséria é uma indústria nacional.

E como toda indústria, tem propaganda.

Dizem que é culpa do pobre.

Dizem que é preguiça.

Dizem que é falta de fé.

Dizem qualquer coisa, desde que o culpado nunca seja o sistema.

Porque o sistema é elegante.

O sistema não tem cheiro.

Quem tem cheiro é o pobre.

A miséria tem um segredo:

ela não quer matar todos.

Ela quer manter vivos os suficientes.

Vivos para servir.

Vivos para carregar saco de cimento.

Vivos para carregar filho do patrão.

Vivos para votar com fome.

Vivos para agradecer migalha.

E assim o país se organiza.

Com a miséria como disciplina.

Com a miséria como chicote.

Com a miséria como currículo.

Indigne-se, se ainda for capaz.

Porque quando a indignação morre, o homem vira número.

E quando o homem vira número, a cafetina vira pátria.

PARTE III

Miséria Pouca é Bobagem

A Liturgia da Indiferença

A indiferença é o perfume da miséria.

Ela transforma tragédia em rotina, transforma fome em paisagem, transforma sofrimento em hábito.

Quando a dor vira costume, o crime torna-se sistema. E o sistema ganha estabilidade.

Pelejá I

A Miséria Compartilhada

Ao chegarmos pela primeira vez no 12, impressionou-nos a escuridão do vilarejo. Algumas poucas velas em vendas e botequins eram tudo que iluminava.

Só após construirmos o alojamento, com casas de madeira, e levarmos para lá um gerador, sentimos melhorias.

Tínhamos luz e energia para geladeiras e para o ar-condicionado.

Antes, o calor insuportável para quem não tivesse costume.

Trazidos pelo calor, vinham os borrachudos.

Eram poucas as noites inteiras de sono.

Uns meses após o início das obras, amizades e relacionamentos consolidadas, duas coisas estranhas observamos.

1. O gerador, dimensionado com folga para o alojamento, não estava mais suportando. Cada noite era um problema diferente.

A tormenta voltara como uma praga vinda não se sabe de onde, talvez trazida pelos pernilongos.

2. A vila, milagrosamente, estava cada vez melhor iluminada. Era o progresso, imaginamos.

Ou seria a lei da compensação? Quanto mais éramos atacados pela má sorte, o 12 se tornava uma Las Vegas de luzes. Milagres acontecem.

Demorou, mas descobrimos a interligação demoníaca.

Um dos encarregados, morador dos alojamentos, ficou amigo de um dos moradores da vila e fez um puxadinho nos cabos elétricos — em obras chama-se jump — para presentear com energia a casa do amigo.

O amigo fez o mesmo com o vizinho. Outro jump. Outra lâmpada. Outra geladeira velha.

E da mesma forma mais outra casa. E mais outra. E mais outra.

Até que a vila inteira tivesse luz e energia em abundância, oriunda do gerador problemático.

Concluímos, a duras penas, que a miséria sofre reveses com o compartilhamento de recursos, ainda que indevidamente jumpeados.

A amizade, afinal, não é imortal. Nem foi criada para medir consequências.

Pelejá II

Nossa Grande Obra

Muita gente teima em dizer que a maior obra brasileira foi Itaipu.

Não foi.

Trabalhamos em Itaipu e podemos dizer de cátedra:
Fizemos uma proporcionalmente mais importante.

Tudo começou com um pedido do médico da obra para fazermos umas reformas em sua casa.

Ele não queria muito.

Tapar seu alpendre com folhas de compensado. Colocar uma lâmpada no centro do teto, energizada pelo gerador sem dono do nosso alojamento. Pintar tudo de branco, como é costume nas casas de saúde.

Sim. O que fizemos foi um completo **Centro Cirúrgico**.

E assim que a mesa de tábuas de pinho construída na obra foi instalada
Sob a lâmpada, o médico sorriu como se tivesse recebido um país.

Encantado, quis comemorar em boteco de respeito.

Havia um que, por ser o mais próximo do alojamento, era chamado de Último Gole.

O mictório do Último Gole exige uma interrupção em nossa história.

O proprietário cortou um cano de PVC de 100 mm longitudinalmente, formando o que se chama de meia cana.

Pregou a meia cana na parede atrás do portão de acesso ao quintal, inclinado e perfurando o muro de tal forma que a urina correria por ali e seria desaguada no passeio.

Protegia o usuário da exposição pública.

Não deixava de transparecer, ao menos, a vontade do bom homem de se mostrar discreto no meio do indecoroso.

Voltemos ao médico.

A certa altura da conversa, ainda não totalmente embriagado, ele confessou orgulhoso:

— **Vocês construíram o único centro cirúrgico num raio de 120 km.**

Havia um centro cirúrgico mais próximo, é verdade. Mas para acessá-lo seria necessário cruzar o Tocantins de balsa, o que demoraria mais que uma ambulância percorrendo a tal quilometragem.

Para efeito de comparação com o Sul Maravilha, os 120 km de que falou eram em estrada de terra.

Deduz-se, com precisão alcoólica e matemática: nosso centro cirúrgico era o único em um raio de 200 km. Isso, para os calculistas menos prevenidos equivale a 2 vezes a área de Sergipe.

Vê-se que não estávamos mais adiantados nos goles que o médico festeiro.

PARTE IV — Miséria & Impudência

A fome não é ausência de alimento. É presença de humilhação.

A mulher que tem fome vende horas, vende silêncio, vende a própria dignidade em suaves prestações. A miséria cobra juros compostos sobre o estômago.

E quando a mulher se dobra, não é fraqueza: é cálculo de sobrevivência. O moralista a condena. O mercado a utiliza. A igreja a absolve. E a fome continua intacta.

Encenação

O Respeito à Prostituição

Confissões de um Gostoso

A prostituição é o imposto que a miséria cobra do corpo.

Chamam de vida fácil o que é sobrevivência.

Chamam de libertinagem o que é cálculo contra a fome.

Nunca vi ali facilidade.

Vi trabalho.

Vi resistência.

Por isso as respeitávamos, quando não as venerávamos.

Mesmo os estudantes, não podiam se expor

Acabariam cúmplices da sem-vergonhice ou coisa pior.

Sem maiores compromissos, deu-se o confronto de duas dessas musas encantadas

Esse homem é meu — repetiam em uníssono.

Foi um vexame. Discutiram. Se xingaram. E acabaram se atracando na porta do bar.

Sem sucesso, alguém tenta apartá-las

Mas os frequentadores querem ver sangue.

Circundando o perrengue os gritos

— Olha o gostoso! Olha o gostoso!

Não se importando da vergonha de um

Ou da desgraça de cada uma delas.

Quando havia respeito

Tinham pudor de cobrar michê.

Frequentar bons restaurantes, receber alguns trocados possíveis para um estudante, poder pegar o táxi de volta, era tudo que exigiam.

Chama-se agrado

Depois voltávamos para nossa pobreza do dia a dia.

PARTE V — Psiquismo

Quando vim a ter conhecimento, através do fantástico filme, de Nise da Silveira, não tive surpresas. Por ser amigo e confidente de um ex-interno, que retribuía minha admiração, já sabia em detalhes, sobre a utilidade das artes, que os choques elétricos não tinham base científica suficiente mas função exclusivamente disciplinar e que as lobotomias nunca deram resultado, sendo antes, sabe-se agora, médicos que confundiram disciplina com ciência e mutilação com cura.



Manual Prático de Convivência com Pessoas em Sofrimento Psíquico (como a Esquizofrenia)

1. Não ter vergonha: a dignidade é o primeiro remédio

- A esquizofrenia não é falha moral, nem fraqueza de caráter: é uma condição médica, com altos e baixos.
- O pior veneno é o estigma. Se a família se envergonha, o doente se sente rejeitado, aumentando seu sofrimento.
- Regra de ouro: quando a pessoa estiver se comportando normalmente, trate-a exatamente como trataria qualquer outro.

2. Tempo e presença valem mais que remédio

- O convívio próximo, sem cobranças excessivas, dá segurança.
- O tempo compartilhado tem efeito terapêutico.
- A paciência é um investimento: cada minuto de atenção pode evitar horas de crise.

3. A arte é cura e linguagem

- Nise da Silveira mostrou que a arte liberta mundos interiores onde a palavra não chega.
- A arte não apaga a esquizofrenia, mas oferece saída criativa para transformar dor em obra.
- O familiar deve valorizar cada criação, não importa a estética, importa a expressão.

4. A música: o atalho da amizade

- A música desperta zonas profundas da mente, muitas vezes intocadas pela doença.
- Quando tocam, cantam ou apenas escutam música, a ponte entre vocês se torna sólida.
- Ofereça músicas que marcaram a vida da pessoa ou que ela mesma escolha.

5. Como lidar com crises sem romper vínculos

- Evite confronto direto com delírios ou alucinações — isso pode aumentar a angústia.
- A agressividade costuma ser resposta ao medo, preconceito ou sensação de estar encurralado.
- Postura recomendada: firmeza calma. Nem submissão, nem provocação.

6. O papel da família e dos amigos

- Ser ponte entre o mundo real e o mundo interno.
- Estimular adesão ao tratamento médico, mas sem reduzir a pessoa a um diagnóstico.
- A esquizofrenia é um detalhe da vida do amigo, não o todo.

Resumo:

- Não se envergonhar.
- Tratar como normal, quando normal.
- Dedicar tempo e presença.
- Usar a arte como canal de cura.
- Abrir as portas da amizade com música.

Os últimos dos Miseráveis

(Os que se alimentam da miséria alheia)

Faltava falar deles.

E talvez não por acaso isso só seja possível no fim.

Porque eles não inauguram tragédias —
eles as administram.

Não são os pobres.

Não são os famintos.

Não são os que perderam tudo.

São os que se nutrem da perda dos outros.

Freud ensinou que a civilização é uma contenção da barbárie.

Mas há sujeitos que não reprimem a pulsão — organizam-na.

Transformam o recalque em programa político.

Fazem da própria frustração uma cruzada.

Não são miseráveis por falta.

São miseráveis por excesso.

Excesso de ressentimento.

Excesso de medo.

Excesso de ódio projetado.

São os que precisam que alguém esteja abaixo para que possam se sentir acima.

Não valem homenagem.

Não valem piedade.

Autoflagelam-se diariamente, não por masoquismo,
mas porque vivem sitiados pela própria mesquinhez.

Estão isolados —

mesmo quando se agrupam.

Não se suportam.

Apenas se reconhecem.

A união deles não é fraternidade.

É cumplicidade.

São:

- Os que odeiam pobres porque o pobre revela a falência do sistema que defendem.
- Os que odeiam homossexuais porque temem a própria fragilidade.

- Os que odeiam mulheres porque não suportam igualdade.
- Os que odeiam negros porque não toleram a história.
- Os que desejam crianças porque só conseguem exercer poder sobre quem não pode reagir.
- Os que justificam guerras e impérios porque a dominação lhes excita mais que a justiça.

Não é moralismo.

É diagnóstico.

A aparofobia é medo da própria ruína.

A homofobia é pânico da própria ambiguidade.

O machismo é terror da própria insuficiência.

O racismo é recalque histórico transformado em ideologia.

A pedofilia é sadismo covarde — a forma mais abjeta de exercício de poder.

O imperialismo é a institucionalização dessas pulsões em escala continental.

Todos têm algo em comum:

Precisam da miséria.

Sem miséria, perdem o palco.

Sem exclusão, perdem o trono.

Sem humilhação alheia, perdem identidade.

Eles não criaram a Cafetina.

Mas são seus melhores clientes.

Pagam para que ela continue explorando.

Pagam com silêncio.

Pagam com voto.

Pagam com aplauso.

Justificam bombas porque precisam acreditar que a destruição é pedagógica.

Chamam massacre de ordem.

Chamam exclusão de mérito.

Chamam violência de tradição.

Freud falava da pulsão de morte.

Aqui ela não é metáfora.

É programa.

E no entanto —

há algo ainda mais miserável:

Eles se julgam virtuosos.

Acreditam-se guardiões da moral.
Acreditam-se defensores da família.
Acreditam-se patriotas.

Mas o patriotismo que odeia o próprio povo é apenas narcisismo ferido.

Se os pobres são vítimas da Cafetina,
estes são seus capatazes.

São os últimos dos miseráveis
porque escolheram ser.

A miséria material pode ser imposta.
A miséria moral é cultivada.

E quem se sacia da desgraça alheia já não é apenas cúmplice do inferno.
É seu zelador.

Epílogo

A RECUSA

Não basta medir a miséria. É preciso desobedecê-la.

Recusar a naturalização da fome.

Recusar a estetização da pobreza.

Recusar a caridade que preserva a estrutura.

A miséria é velha. Mas não é eterna.

E se há algo mais perigoso que ela, é o silêncio confortável dos que poderiam falar.

Que este livro não seja estatística.

Que seja incômodo.

FIM

A miséria que falamos neste livreto não é a mesma que dizem e predizem os índices, nem a decantada nas igrejas para tornar os pedidos de dízimo convincentes.

A miséria aqui foi a que se aproximou de nós. A que convivemos. A que respiramos. A que ouvimos pedir licença — e entrou sem pedir.

Estamos apresentando-a para quem a conhece só de ouvir falar e garantindo, sem medo de errar, que se a miséria está dando lucro alguma coisa está muito errada.

§

O Nome Verdadeiro

O nome da cafetina é Miséria.

Ela não mora apenas nas periferias: mora nas escolhas políticas, nas omissões calculadas, nas consciências anestesiadas.

Não é acidente histórico. É projeto tolerado.

E enquanto for tratada como estatística, continuará explorando corpos.

Porque a miséria prospera onde a indignação é pequena.